

# O papel do ouvinte no diálogo analítico

---

Vanina Muraro  
Tradução de Maria Claudia Formigoni

## Resumo

Este artigo visa a contribuir para distinguir a audição no exercício diário de uma língua da audição no dispositivo analítico. Para fazer essa distinção, fiz em primeiro lugar uma viagem através da atividade do ouvinte na interpretação de uma mensagem, tomando como fontes: as teorias linguísticas que se centram no estudo da fala, aqueles filósofos e semióticos da língua que tomam como objeto a compreensão das mensagens escritas. Depois, a fim de dar conta do analista ouvinte, tomei como ponto de partida a indicação freudiana de manter uma atenção flutuante uniforme. Finalmente, comecei a tirar as consequências das observações de Lacan sublinhando a importância da abstinência de um entendimento que contribui para o encerramento do sentido. Para exemplificar essa última, recorri a um fragmento clínico que ilustra a especificidade da escuta e da interpretação analítica e suas ligações com os tropos de metáfora e metonímia.

## Palavras-chave:

Escuta; Interpretação; Compreensão.

## The role of the listener in the analytical dialogue

### Abstract

This article intends to contribute to discriminate listening in the daily exercise of a language that is launched in the analytical device. To make this distinction, I have made, firstly, a tour of the activity of the listener in the interpretation of a message, taking as sources: the linguistic theories that focus on the study of speech, those philosophers and semioticians of language that work about object's comprehension. of written messages. Next, in order to account for the listening analyst, I started from the Freudian indication to maintain an evenly floating attention. Finally, I have proposed to extract the consequences of Lacan's remarks that underline the importance of abstinence from an understanding that contributes to the closure of meaning. To exemplify the latter, I have resorted to a

clinical fragment that illustrates the specificity of analytical listening and interpretation and its links with the tropes of metaphor and metonymy.

### **Keywords:**

Listening; Interpretation; Comprehension.

## **El rol del oyente en el diálogo analítico**

### **Resumen**

El presente artículo se propone contribuir a diferenciar la escucha en el ejercicio cotidiano de una lengua del que se pone en marcha en el dispositivo analítico. Para realizar esta distinción he realizado, primeramente, un recorrido por la actividad del oyente en la interpretación de un mensaje tomando como fuentes: las teorías lingüísticas que se detienen en el estudio del habla, aquellos filósofos y semióticos del lenguaje que toman por objeto la comprensión de los mensajes escritos. A continuación, para dar cuenta del analista oyente he partido de la indicación freudiana de mantener una atención parejamente flotante. Finalmente, me he propuesto extraer las consecuencias de los señalamientos de Lacan que subrayan la importancia de la abstinencia de una comprensión que contribuya al cierre del sentido. Para ejemplificar esto último he recurrido a un fragmento clínico que ilustra la especificidad de la escucha e interpretación analítica y sus lazos con los tropos de la metáfora y la metonimia.

### **Palabras clave:**

Escucha; Interpretación; Comprensión.

## **Le rôle de l'auditeur dans le dialogue analytique**

### **Résumé**

Cet article entend contribuer à différencier l'écoute dans l'exercice quotidien d'une langue de celle qui est mise en œuvre dans le dispositif d'analyse. Pour faire cette distinction, j'ai fait, dans un premier temps, un tour de l'activité de l'auditeur dans l'interprétation d'un message, en prenant comme sources : les théories linguistiques qui portent sur l'étude de la parole et celles des philosophes et sémioticiens du langage qui prennent comme objet de ses investigations la compréhension de messages écrits. Ensuite, pour rendre compte de l'analyste auditeur, je suis parti de l'indication freudienne pour maintenir une attention régulièrement flottante. Enfin, j'ai proposé d'extraire les conséquences des propos de Lacan qui soulignent l'importance de l'abs-

tinence d'un entendement pour éviter la clôture du sens. Pour illustrer cette dernière, j'ai eu recours à un fragment clinique qui illustre la spécificité de l'écoute et de l'interprétation analytiques et ses liens avec les tropes de la métaphore et de la métonymie.

### **Mots-clés :**

Écoute ; Compréhension ; Interpretation.

Assim como a interpretação é proposta por Lacan (1969-1970/1992), no *Seminário 17: o avesso da psicanálise*, como um dizer a contrapelo do sentido comum, a escuta analítica também se distancia radicalmente daquela que é posta em funcionamento no chamado “circuito de comunicação”.

Os linguistas da fala estudaram as características da escuta nos contextos cotidianos e detectaram a participação ativa do ouvinte. O receptor, longe de ter um papel trivial na comunicação, deve ater-se a um comportamento que, ainda que ele mesmo o ignore, obedece a certas normas estabelecidas. Acima de tudo, é obrigado a aplicar uma escuta compreensiva que complete a mensagem, sendo sua função primordial a de reconstruir o sentido da locução a partir dos estímulos às vezes fragmentários que recebe do orador.

O grau de participação exigido do receptor não é igual em todas as línguas. Há idiomas que requerem um apoio maior em seus ouvintes, que devem estabelecer, por exemplo, a partir das marcas de flexão verbal, qual é o sujeito agente da ação. São as denominadas línguas *pro-drop*, do inglês *pronoun-dropping*, ou seja, podem omitir o pronome e não há obrigatoriedade do aparecimento de um sujeito sintático explícito. Em oposição, estão as *non-pro-drop*, que obrigam o emissor a pronunciar, uma e cada vez, o pronome pessoal ou um sintagma nominal na posição do agente.<sup>1</sup> Como vemos, a inteligibilidade da mensagem se distribui entre os dois lugares do vetor esquematizado por Saussure no matema:  $E \rightarrow R$ .

De um modo ou de outro, todas as línguas fazem descansar parte da comunicação no receptor da cadeia discursiva; longe de ser passivo, o receptor é o encarregado de eliminar a ambiguidade da mensagem a partir de suas competências linguísticas e não linguísticas, servindo-se do contexto e de outra multiplicidade de elementos. Ali onde a língua possibilita o equívoco, a dupla negação escurece a mensagem ou a homofonia possibilita mais de um sentido, o ouvinte privilegia uma opção entre todo o menu possível e, automaticamente, cancela os sentidos restantes. Essa característica da fala não é um capricho, sustenta-se na exigência

---

<sup>1</sup> Para citar alguns exemplos correspondentes às línguas da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, são línguas *pro-drop* o italiano, o português e o castelhano. Por sua vez, *non-pro-drop*, o inglês e o francês.

imperiosa de eficácia, de praticidade na hora de estabelecer um diálogo. Mas a economia, já o dizia Hamlet, tem seus efeitos mais além do desejável e cerceia, brutalmente, a dimensão poética da linguagem que descansa em sua equivocidade. Observamos que isso se intensifica se “dialogamos” com uma máquina — computadores ou os assistentes dos *smartphones*, por exemplo — e, ainda que a dimensão do mal-entendido sempre encontre algum resquício para se manifestar e deixar esquisita uma cadeia discursiva, é fácil observar que isso se situa em termos do obstáculo, do ruído, no vetor da comunicação.

A questão da interpretação de uma mensagem foi matéria de estudo também entre os filósofos da linguagem e semióticos que tomam por objeto a compreensão das mensagens escritas. Nesse campo, situam-se — um pouco esquematicamente — aqueles que propõem que o texto tem uma verdade a desvelar e os que, por sua vez, propõem a semiose limitada do texto. No leque que vai desde esse paradigma hermenêutico da leitura à proposta de uma leitura libertária, encontramos numerosos matizes entre os catedráticos e os eruditos do campo.

A corrente hermenêutica, de tradição bíblica, finca suas raízes na preocupação ocidental por interpretar fielmente a palavra de Deus. Acusada por vezes de autoritária por tentar reduzir a ampla gama de interpretações possíveis de um texto a uma única interpretação correta, essa óptica se contrapõe àquelas teorias que, ao contrário, propõem um fluxo ilimitado de leituras. Essa segunda corrente — cujo expoente mais reconhecido é Derrida — é chamada de suprainterpretativa e, em algumas ocasiões, absurda, por aqueles que se opõem a admitir que o conteúdo de um texto fique lançado à vontade do leitor. Acusados de privilegiar o sentido oculto, são insultados por seus contrários com o epíteto de *adeptos ao véu*. Confrontam-se nesse debate aqueles que privilegiam a *intentio auctoris* — intenção do autor —, a *intentio lectoris* — intenção do leitor — e, como terceira via — proposta por Umberto Eco —, a intenção da obra ou *intentio operis*.

Esses acalorados debates acerca da interpretação tornam-se um convite a pensar que tipo de escuta a psicanálise promove.

## A escuta analítica

Sem dúvida, podemos asseverar que a escuta está no centro do dispositivo. Como contrapartida da única regra analítica, é definida por Freud como uma atenção igualmente flutuante. Nestas páginas, gostaria de explorar as singularidades desse ofício que, por vezes, esforça-se por suspender a dimensão ativa — e, portanto, parcial do ouvinte, distanciando-se dos ideais de eficácia e busca no ruído —, aquilo que era obstáculo para as teorias da comunicação — a possibilidade de que algo inaudível seja dito, mas também é uma escuta advertida do perigo da metonímia infinita que se nutre do gozo do sentido. Entre a metáfora que desvela

o sentido e a metonímia em que esse desliza, situa-se o trabalho interpretativo. A escuta inédita que o analista pratica tem por função recolher algo que ficou nas margens da linguagem, fazer surgir aqueles significantes retidos que aludem ao traumático e propiciar um uso novo da linguagem.

Se nos servimos das premissas freudianas acerca do sonho, torna-se evidente que a interpretação reduplica a regra fundamental, já que a primeira indicação consiste em solicitar ao analisante associações a partir do conteúdo que verteu em uma primeira instância. O analista se coloca como o agente desse relance à cadeia discursiva, convida à metonímia com a finalidade de produzir uma resposta associativa. O primeiro efeito desejado será que o analisante continue falando, discorra e entregue, desse modo, mais uma peça do conteúdo inconsciente que escape à vigilância atenta do eu. Constitui dessa maneira uma via privilegiada para burlar a censura e, por isso, para dar conta do desejo. Para que esse trabalho analisante se produza, é necessário que o analista se abstenha de clausurar essa dimensão aberta da mensagem. São numerosas as passagens do ensino de Lacan que advertem acerca dos perigos da compreensão. Dirá que no seio da compreensão se oculta o tropeço, a inépcia de ignorar um ou outro significativo e colaborar, dessa maneira, com a resistência do paciente, que, dirá, é sempre a nossa (Lacan, 1955-1956/1985, p. 60). Daí que a posição do analista se assemelhe, por vezes, à do estrangeiro em relação a uma língua, aquele que não maneja detalhadamente os códigos e que, precisamente por isso, pode escapar à mediocridade com a qual o diálogo cotidiano tenta dominar a potência de uma língua. Em uma aula intitulada “História de Uns”, pertencente ao *Seminário 19: ...ou pior*, Lacan (1971-1972/2012) assinala os perigos da letargia que conhecer demasiado uma língua esconde: “Quando conhecem perfeitamente uma língua e leem um texto, vocês compreendem. Isso deveria deixá-los meio que de sobreaviso. Vocês compreendem no sentido de que sabem de antemão o que se diz ali” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 144).

No lugar desse saber de antemão, propõe orientar-nos a partir do achado, assinalando, uma vez mais, que todo saber ingênuo está associado a um encobrimento do gozo que nele se realiza (Lacan, 1971-1972/2012, p. 145). Claramente, discerne-se uma oposição entre a escuta compreensiva, a sustentação solícita do ouvinte nos diálogos cotidianos e a tarefa do analista, que se abstém de economizar ao falante algum tipo de esforço e, por oposição, propõe que diga precisamente aquilo que preferia dar a entender ou silenciar.

Entretanto, mesmo que a interpretação compartilhe com a metonímia o propiciar o surgimento de uma nova cadeia discursiva, em numerosas passagens de seu ensino, Lacan aproxima a interpretação da metáfora. Talvez a citação mais conhecida corresponda a seu escrito “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (Lacan, 1958/1998), em que o autor compara a uma tradução, brusca, que tem a fun-

ção de decifrar o que acontece no plano metafórico — diacrônico ou sintagmático — no qual se desenrola a repetição.<sup>2</sup> Opera por meio da intrusão de “algo”, intrusão significativa, dirá Lacan em textos posteriores, que visibiliza o elemento faltante.

Observamos, assim, que as duas dimensões, polos da linguagem, colocam-se em cena na interpretação. Tal como assinala Lacan (1964/1988) no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, na lição intitulada “A pulsão parcial e seu circuito”:

Coloquemo-nos nos dois extremos da experiência analítica. O recalçado primordial é um significante, e o que se edifica por cima para constituir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes. Recalçado e sintoma são homogêneos, e redutíveis a funções de significantes. Sua estrutura, embora ela se edifique por sucessão como todo edifício, é contudo, no fim, inscritível em termos sincrônicos.

Na outra extremidade, há a interpretação. A interpretação concerne a esse fator de uma estrutura temporal especial que tentei definir pela metonímia. A interpretação, em seu termo, aponta o desejo, ao qual, em outro sentido, ela é idêntica. O desejo é, em suma, a própria interpretação. (Lacan, 1964/1988, p. 167)

A metáfora é a operação que possibilita que o sintoma se edifique sobre o recalçado primordial, permitindo que se estabeleçam diferentes andares, ou, como diz Lacan, “um andaime de significantes”. Graças ao eixo sincrônico da metáfora, a sucessão dos significantes própria à metonímia pode inscrever-se. A interpretação, “no outro extremo”, assinala Lacan, concerne ao desejo e, por consequência, iguala-se à função metonímica da linguagem. Mas, em si mesmo, o polo metonímico somente pode se definir pela existência do polo metafórico, e vice-versa.

Para ilustrar estas linhas, nos serviremos de uma vinheta clínica fornecida por uma supervisionanda, na qual podemos perceber a escuta que um sujeito psicótico exigia do analista e seus laços com os dois tropos que inconsciente e linguagem organizam.

## O relato intolerável

Uma jovem residente de um serviço de plantão em um hospital para pacientes psiquiátricos pede uma supervisão por causa da angústia que um dos internos lhe causa. Relata que o paciente, de 30 anos, foi internado por causa de uma tentativa

---

2 “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”: “A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução — precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante” (Lacan, 1958/1998, p. 599, grifo do original).

de suicídio e recebeu o diagnóstico de esquizofrenia. Esse jovem a recebe a cada manhã, com uma pontualidade religiosa, na entrada do hospital, para lhe dirigir sua demanda. Intempestivamente, a aborda e explica que estão fazendo nele intervenções cirúrgicas: mexem em seus órgãos, soltam uma capa de gordura que recobre seu fígado e apalpam seus intestinos. Com instrumentos de aço inox, separam cuidadosamente seus tecidos e os pintam com reagentes para comprovar a qualidade de suas células. Com uma constância assustadora, a espera todos os dias com novos detalhes dessas práticas que sofre em seu corpo.

Diante desse relato minucioso, a jovem residente tentou, por todos os meios, apaziguá-lo. Acreditando compartilhar a língua com o interno, tentou desmentir sua percepção, retificá-lo e convencê-lo de que aquilo que relata é falso, já que ninguém está fazendo nele intervenções cirúrgicas. Tenta situá-lo nas coordenadas tempo-espaciais, descreve onde estão e como deveriam acontecer essas conversas. O paciente responde a essas intervenções com confusão, balbucia algo ininteligível e vai embora, para, no dia seguinte, estar novamente na porta, esperando-a. Converte-se, assim, em uma presença temida para uma analista que recém-começa seu caminho na prática hospitalar. A essa altura, ela decide valer-se do dispositivo da supervisão para tentar introduzir alguma mudança em uma cotidianidade que a atormenta.

Escuto seu relato e assinalo que, em sua intervenção, há um contrassenso: enquanto tenta tranquilizar o paciente e oferecer-lhe um lugar para que fale, nesse mesmo gesto, recusa simplesmente aquilo que ele quer testemunhar e o amordaça. Seus consolos não são efetivos, porque desmentem a percepção do paciente, já que, com a melhor das intenções, tenta retificar a realidade que o incomoda. Este, por sua vez, afasta-se sem concluir sua mensagem, sem desdobrar aquilo que tinha para dizer; mensagem interrompida e segregada que aposta, cada manhã, poder ser escutada.

Meses depois, a supervisionanda comenta que depois do nosso encontro decidiu mudar de tática e se mostrou curiosa acerca desse relato de aparência macabra. Essa mudança abriu espaço para que o jovem pudesse descrever as manobras cirúrgicas e desenvolver uma teoria sobre os “consertos” que os médicos faziam em seu organismo, sanando “danos do passado” e outras “imperfeições”. O relato metonímico acerca dessas manobras continuou durante algumas semanas, até que a praticante propôs um adjetivo que funcionou ao modo de metáfora: o trabalho dos cirurgiões era “reparatório”.

Isso possibilitou certo apaziguamento, que se traduziu no fato de que o paciente conseguia aguardar o horário de sua sessão e ir à sala da analista. Surgiram também algumas precisões sobre a ausência de dor física e a carência de cicatrizes, que deram lugar a uma série de ideias delirantes acerca das cirurgias laparoscópicas e realizadas a distância. Finalmente, começa a despontar a crença no valor de “caso científico” que seu organismo apresenta para a medicina, por ser um exemplar realmente curioso, chegando a dizer, inclusive, “único”.

Dessa maneira, a apresentação original do paciente alucinado vai dando lugar a um incipiente delírio, no qual despontam a autorreferência e a mania de grandeza, revelando, dessa maneira, sua função restitutiva. A jovem analista já não se angustia em seu papel de testemunha desses avatares e é solicitada como um recurso valioso, que pode documentar, com a finalidade de uma futura transmissão científica de seu caso, as mudanças que os sistemas circulatório e digestivo do paciente experimentam.

O material clínico nos ensina que a compreensão operava a favor da resistência, a suposta empatia mascarava uma manifestação de recusa diante de um testemunho que clamava por ser escutado. Foi necessário deixar de discutir essa narração metonímica que ameaçava por não se deter, oferecer-se submissamente como caixa de ressonância para escutar o caráter traumático da linguagem. Finalmente, ilustra também que foi indispensável a intrusão de um significante — o caráter reparatório — para colocar um limite que possibilitará ao paciente dotar o relato de alguma organização delirante. Concluimos que a interpretação se vincula à metonímia, por ser esse um de seus objetivos e ilustrar, em termos significantes, a relação com o desejo. Entretanto, nem tudo é metonímia. É necessária a metáfora, ainda que precária, como ilustra esse caso, para que o trabalho interpretativo seja levado adiante e, especialmente, para que termine.

## Referências bibliográficas

- Eco, U. (1997). *Interpretación y sobreinterpretación*. Madri: Cambridge. (Trabalho original publicado em 1990)
- Freud, S. (2006). Conferência 6: premissas e técnicas de interpretação. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906)
- Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Jakobson, R., & Halles, M. (1967). *Fundamentos del lenguaje*. Buenos Aires: Ayuso. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Muraro, V. (2020a). *Interpretación y vanguardia: vontribuciones del formalismo ruso a la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Muraro, V. (2020b). Una escucha inédita. In *Contextos del decir en análisis*. Cali: Universidad de Buenaventura Cali.

**Recebido:** 01/12/2021

**Aprovado:** 15/12/2021